

Investindo



J. Borges e Sílvia Colmbra: dois anos e meio de trabalho e sonho pelo resgate da cultura popular



Borges e sua oficina em Bezerros

Projeto ousado divulga a obra "do artista mais pobre de Pernambuco"

Léda Rivas
Éditora do Viver

Quanto valem US\$ 3 mil, no câmbio atual, em cruzeiros *irreais*? O que se pode comprar com 30 notas de 100 *verdinhas* no País da inflação estratosférica? Para o bando de João Alves pode corresponder ao preço de um jantar em restaurante de luxo, a uma mísera propina para pernambucana Sílvia Colmbra, pesquisadora e produtora cultural, foi tudo o que lhe custou a realização de um velho sonho. Por cerca de US\$ 3 mil ela bancou, praticamente sozinha, um projeto desagote da cultura popular, transformado em álbum de registro da obra em poesia e gravura do artista J. Borges. Não disse não, é claro, o estímulo divi-

depois inventei de escrever um folheto, que mostrei a um colega, que achou que havia outros muito piores do que o meu. "Então, vamos publicar esse aí", resolveu. Publicamos e vendemos uns cinco milheiros na época. Aí fui tomando gosto pela coisa. Em 64, achei de fazer minha primeira gravura para ilustrar o folheto. Passai a ilustrar, também, folhetos de outros. Um dia, uns artistas do Rio — José Maria de Souza e Ivan Marchetti — me descobriram em Bezerros e me pediram um trabalho maior, que eu fiz. O professor Roberto Benjamin foi quem primeiro me comprou um trabalhinho maior, fora do cordel; Ariano Suassuna, quando viu esse tipo de trabalho, me deu uma força imensa, disse que eu estava muito bom... eu só podia me entusiasmar com



em toda América Latina e quer fazer um lançamento junto comigo.

DP — Como se deu o encontro com Galeano?

JB — Ele comprou uns trabalhos meus no Rio, numa loja da Rua das Laranjeiras. Gostou muito e teve a idéia de ilustrar o livro. Em agosto de 90, ele foi lá em Bezerros, com a esposa dele, pra combinar as ilustrações do livro *Americantibus*. Pensei que era uma gravura, quando muito umas 30, e terminei fazendo 150 matrizes pequenas. Ele mandava o texto, eu lia assim como galinha

comendo milho, de letra em letra, porque vinha em Espanhol, e quando entendia ilustrava aquele texto. Agora, ele vem no Recife para lançar o livro no princípio de 94. Depois que passei a trabalhar pra Galeano surgiram chamados dos Estados Unidos, da Suíça, começou

seu trabalho desenvolvido por intelectuais. Mas como é que J. Borges vê a obra de J. Borges?

JB — Vejo minha obra lá em baixo, não nessa altura que eles estão colocando. Plico pensando: como é que tantas pessoas que estudaram, que têm a cabeça no lugar, que são intelectuais, vão dar valor a um trabalho rústico, mal pensado, mal dirigido como o que eu faço? Eu só gosto do meu trabalho na hora em que faço, que passo lizinha, que deixo o acabamento bem lizinho na madeira, passo a primeira tinta... aí meu coração se abre, de tanta satisfação. Depois daquilo, pra mim acabou, não gosto mais. Eu não vejo no meu trabalho um décimo do que as pessoas vêem.

DP — Fora do cordel e da arte popular, quem você gosta de ler e ver?

JB — Agora você me encrenca. Eu gosto muito de ler poeta de cordel. Eu não leio muito, não. Mas admiro muito José de Alencar, tenho a coleção dele toda. Agora, você vai me perdoar, Sílvia também, mas eu não gostei do escrito de Carlos Drummond de Andrade. Até perdi uma carta dele, me dando uma força, só fiquei com o envelope. De pintura, não sei...

DP — Mas você andou pelo mundo, deve ter conhecido artistas...

JB — Eu não andei, fui sendo levado nas carreiras, nem deu pra perceber. Mas entre os daqui, gostei

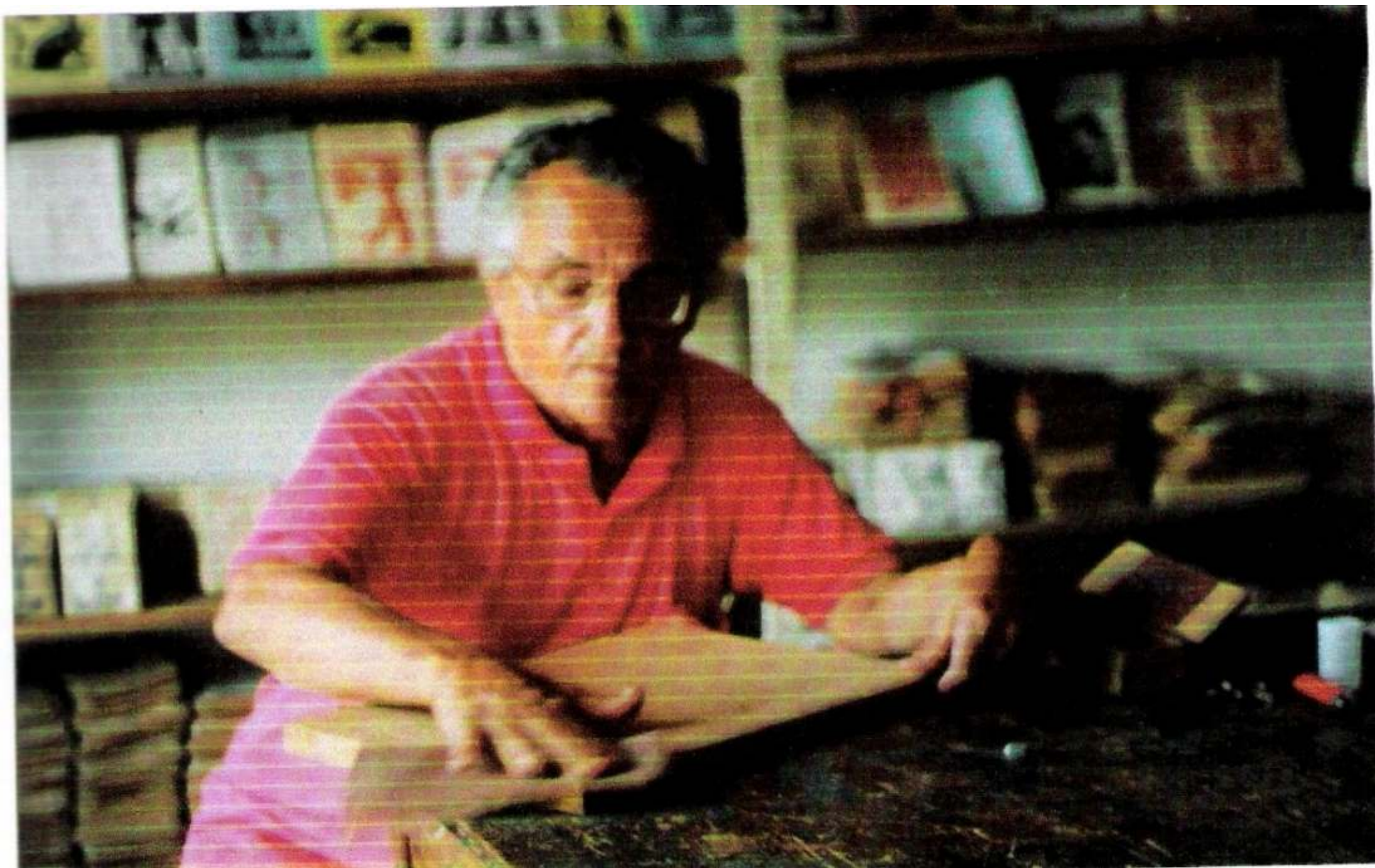
nal, J. Borges, qual o seu grande sonho?

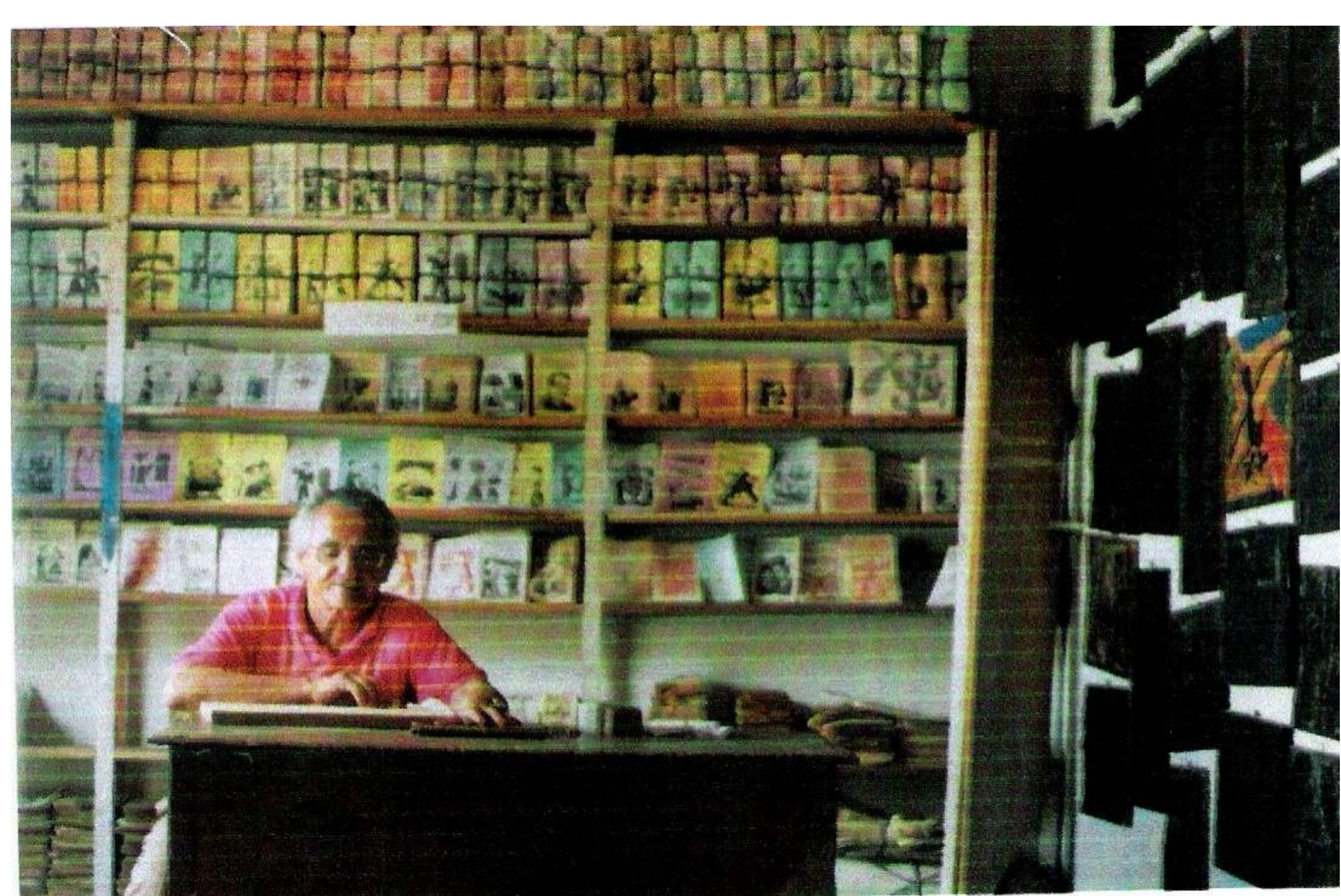
JB — Meu grande sonho sempre foi reativar e preservar a literatura de cordel, uma coisa secular que alimentou centenas de famílias de poetas nordestinos, que divertiu todo o Nordeste, que alfabetizou muitas e muitas pessoas que hoje votam e assinam documentos. Dez meses de escola não dão pra nada. Foi no cordel que eu aprendi. Tenho um amigo, Antônio Ferreira da Silva, que nunca abriu a carta do ABC e que hoje tem um folheto consagrado, com mais de 200 mil exemplares já vendidos, escreve muito bem e quando manda uma carta pra mim, é boa a letra e é boa a ortografia. O chico é inteligente. Aprendeu no cordel. E esta literatura está à beira da covinha, porque as grandes empresas foram parando, restaram as médias, depois as pequenas e hoje resto eu, unicamente, em Bezerros, publicando sem condições. A minha máquina, com 120 anos, tem mais remendo do que fundo de rede de menino pobre. O meu sonho era produzir mais e aperfeiçoar mais o trabalho.

Sílvia Colmbra — Eu penso que é muito importante que a gente encontre mecanismos para que um trabalho como esse de Borges traga um retorno pra ele

em vida, que propicie a que ele possa consertar essa máquina. Isso é o que se deseja desse esforço grande, esperamos que outros









EXPOSIÇÃO EM AUSTIM – TEXAS – USA

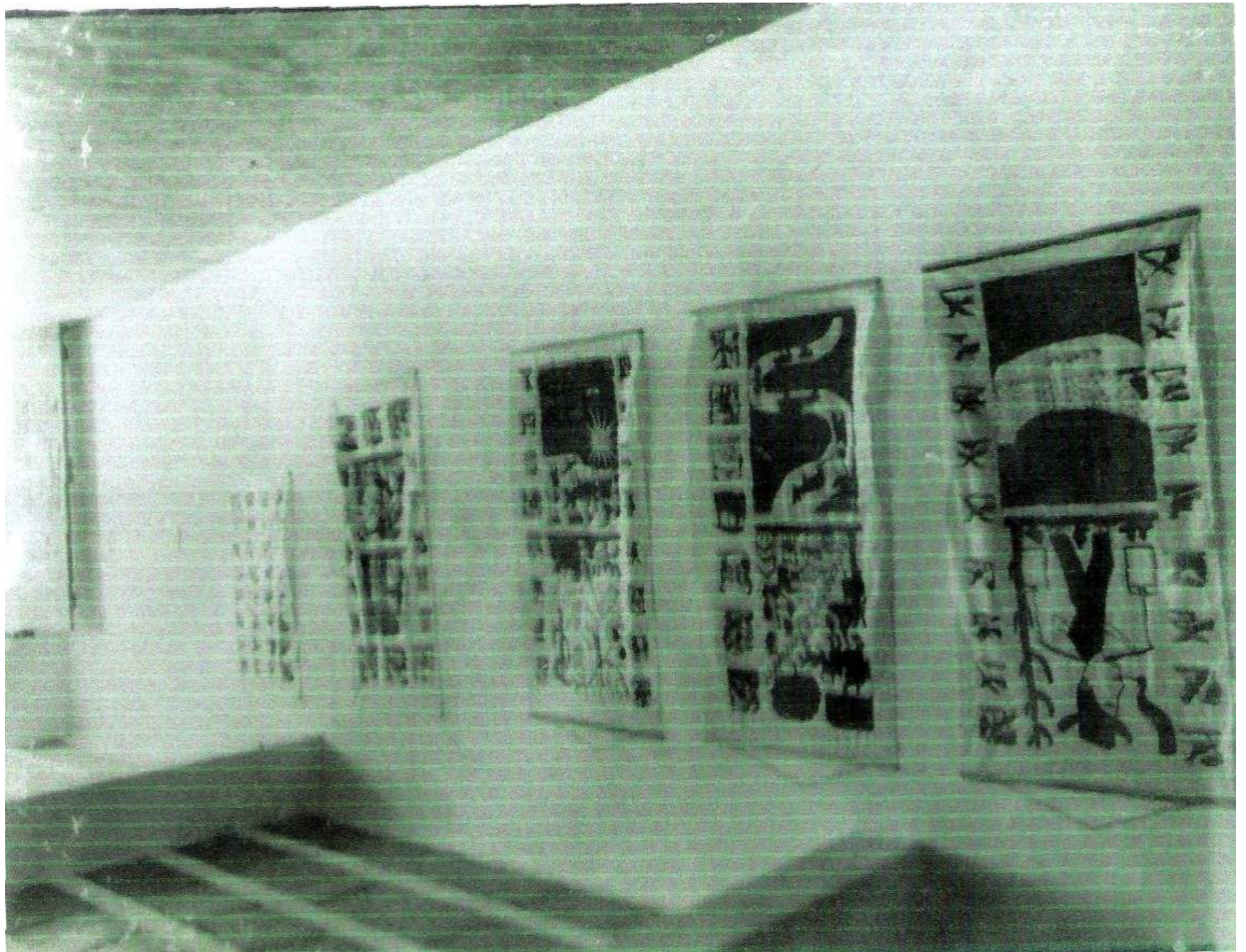


CITY TOUR EM LUZERNE – SUIÇA





















cartilha da arte popular - 1

jeová franklin

a
xilog
ravura
nordestina

Livro Artesanal

Brasília - 2002

Peter K. Wehrli

Der Neue Brasilianische Katalog

148 Nummern aus dem „Katalog von Allem“
Illustrationen von J. Borges



FEIRA DE FRUTAS

J. BORGES

Stahl, Recife,
Editora.

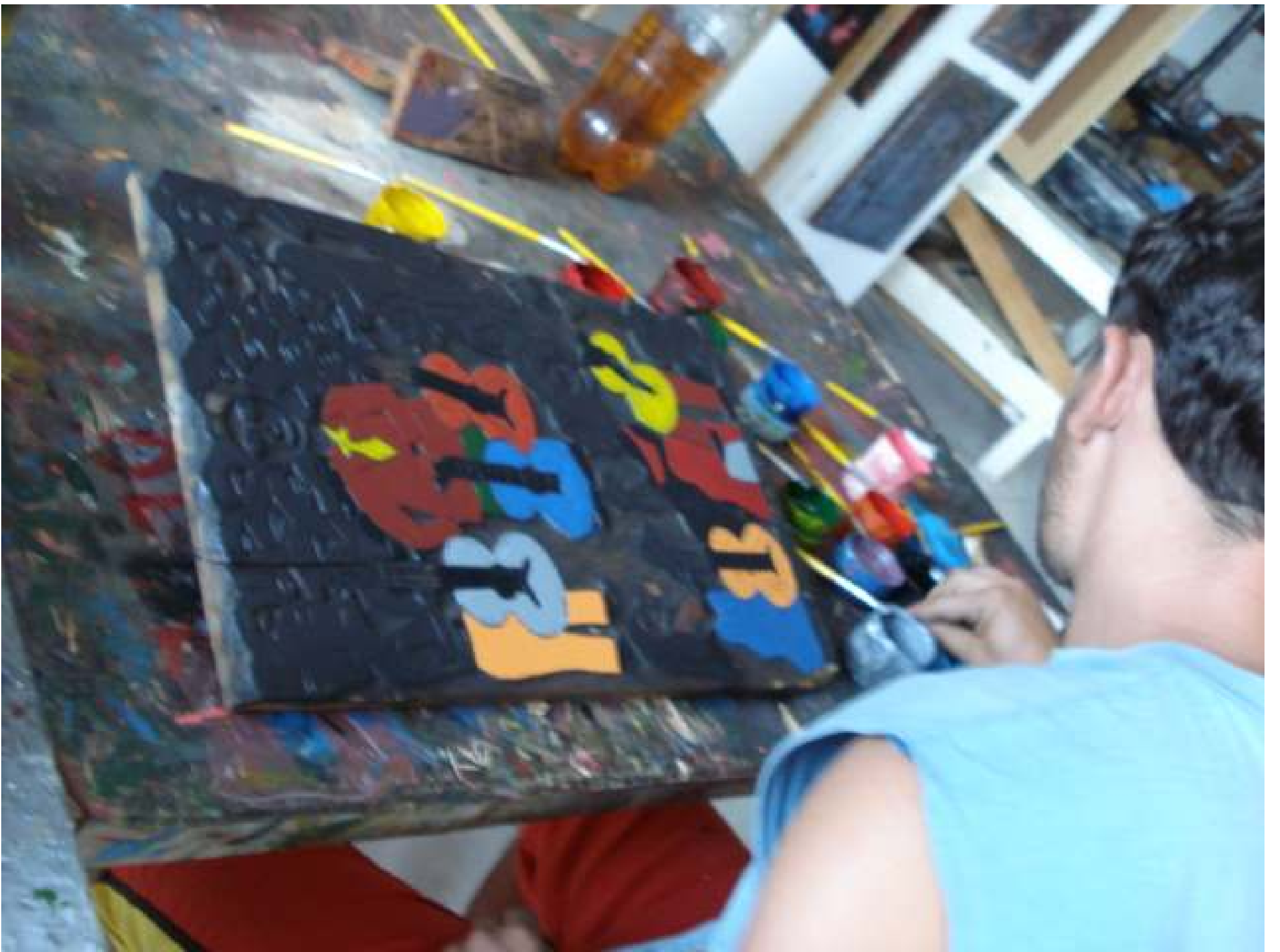




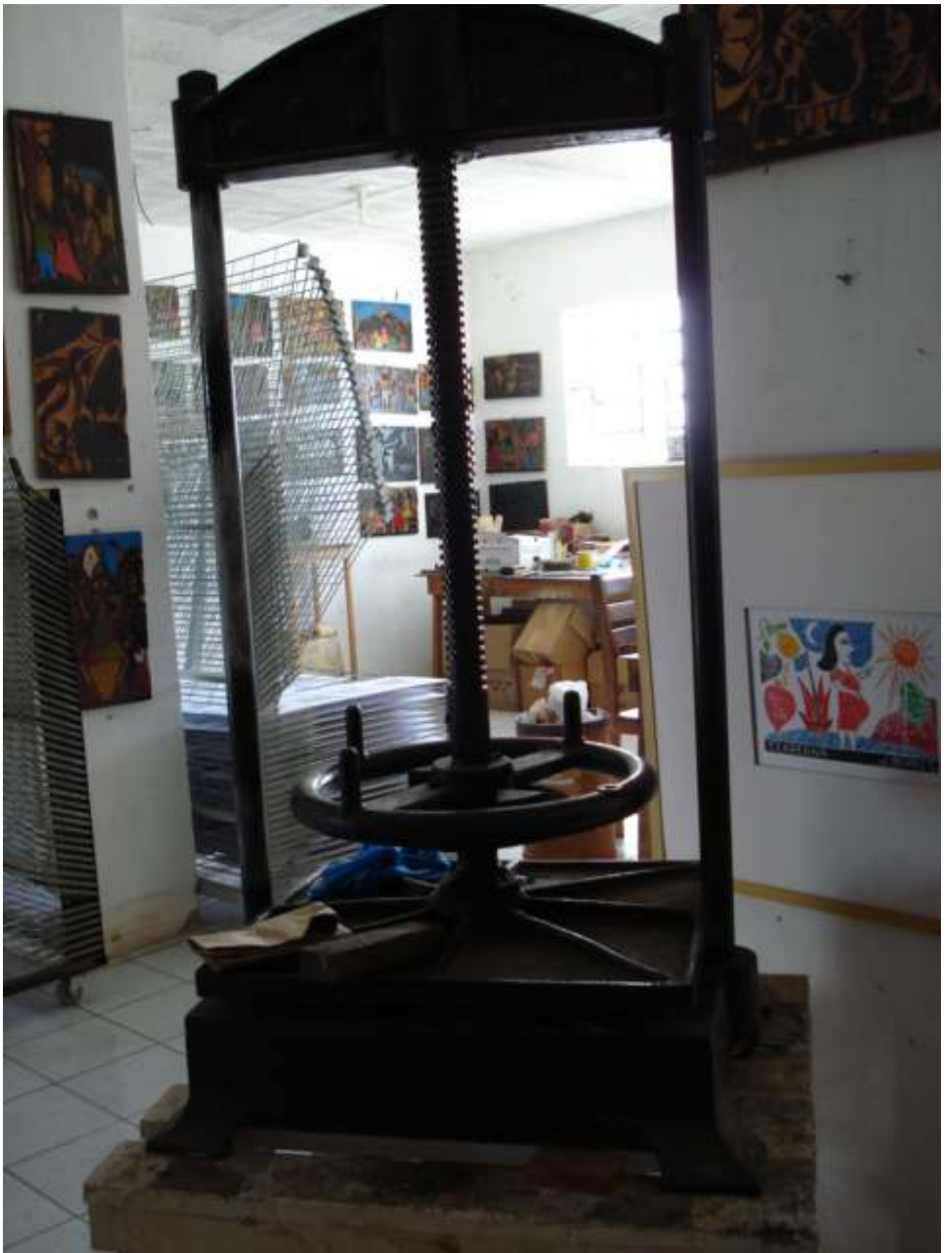










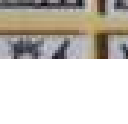
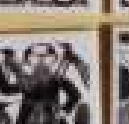
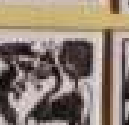
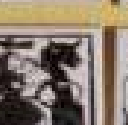
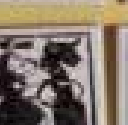
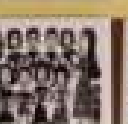
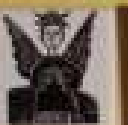






CERÂMICA

R\$ 3,00









A ARTE DE J. BORGES



Si meliora dies, ut vina,
poemata reddit, scire
velim, chartis pretium
quotus arroget annus,
scriptor abhinc annos
centum qui decidit, inter
perfectos veteresque referri
debet an inter vilis atque
novos? Excludat iurgia finis,
"Est vetus atque probus,
centum qui perficit annos."
Quid, qui deperit minor uno
mense vel anno, inter quos
referendus erit? Veteresne
poetas, an quos et praesens
et postera respuat aetas?
"Iste quidem veteres inter
ponetur honeste, qui vel
mense brevi vel toto est
iunior anno." Utor permissio,
caudaeque pilos ut equinae
paulatim vello unum, demo
etiam unum, dum cadat

elusus ratione ruentis acervi,
virtutem aestimat annis
miraturque nihil nisi quod
Libitina sacravit.
Ennius et sapiens et fortis et
alter Homerus, ut critici
dicunt, leviter curare
videtur, quo promissa
Pythagorea. Naevius in
manibus non est et mentibus
haeret paene recens? Adeo
sanctum est vetus omne
poema, ambigitur quotiens,
uter utro sit prior, aufert
Pacuvius docti famam senis
Accius alti, dicitur Afrani
toga convenisse Menandro,
Plautus ad exemplar Siculi
properare Epicharmi,
vincere Caecilius gravitate,
Hos ediscit et hos arto
stipata theatro spectat Roma



potens; habet hos
numeratque poetas ad
nostrum tempus Livi
scriptoris ab aevo.
Interdum vulgus rectum
videt, est ubi peccat. Si
veteres ita miratur laudatque
poetas, ut nihil anteferat,
nihil illis comparet, errat. Si
quaedam nimis antiquae, si
peraque dure dicere credit
eos, ignave multa fatetur, et
sapit et mecum facit et lova
iudicat aequo.
Non equidem insector
delendave carmina Livi esse
reor, memini quae plagosum
mihi parvo Orbilius
dictare; sed emendata videri
pulchraque et exactis
minimum distantia miror.
Inter quae verbum emicuit
si forte decorum, et si
versus paulo concinnior
unus et alter, iniuste totum
ducit venditque poema.
Si meliora dies, ut vina,
poemata reddit, scire velim,
chartis pretium quotus
arroget annus, scriptor



abhinc annos centum qui
decidit, inter perfectos
veteresque referri debet an
inter vilis atque novos?
Excludat iurgia finis, "Est
qui perficit annos." Quid,
mense vel anno, inter quos
poetas, an quos et praesens
Si meliora dies, ut vina,
poemata reddit, scire velim,
chartis pretium quotus
arroget annus, scriptor
abhinc annos centum qui
decidit, inter perfectos
veteresque referri debet an
Excludat iurgia finis, "Est
vetus atque probus, centum
qui perficit annos." Quid,
qui deperit minor uno
mense poetas, an quos et
praesens et postera respuat
aetas inter perfectos.

Excludat iurgia



ESTE PROJETO CULTURAL
SÓ FOI POSSÍVEL GRACIAS AO
APOIO DA PANAMCO DO
BRASIL E DO SEU AMOR PELAS
MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS
POPULARES DO BRASIL

PANAMCO
BRASIL

CONFERE COM A ORIGINAL
14.07.105
José Mário Austraigesilo
Coordenador do RPPV



CONFERE COM A ORIGINAL
31.04.05
José Mano Austregesio
Coordenador do Rpv

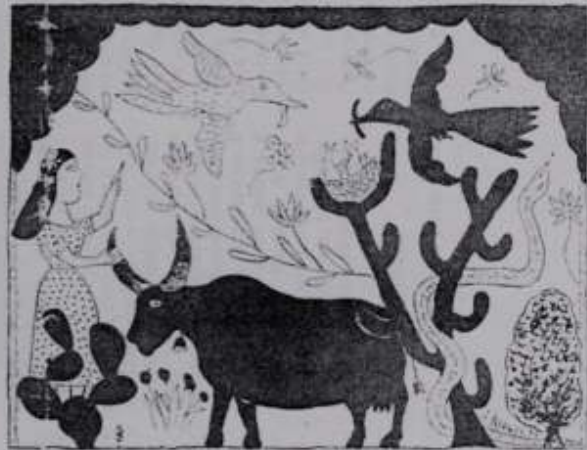
O UNIVERSO DA LITERATURA DE CORDEL

Ministério da Cultura do Brasil
Comissariado Brasil - França
Ministério das Relações Exteriores da França
Governador do Estado da Paraíba
Comissão Nacional de Folclore
Fundação Casa José Américo
Fond Raymond Cantel - Universidade de Poitiers
Alcazar - Bibliothèque de Marseille à Vocacion Régionale
Vide o Verso - Projeto Brasil - França 2005
Association Solidarité Provence-Amérique du Sud à Marseille



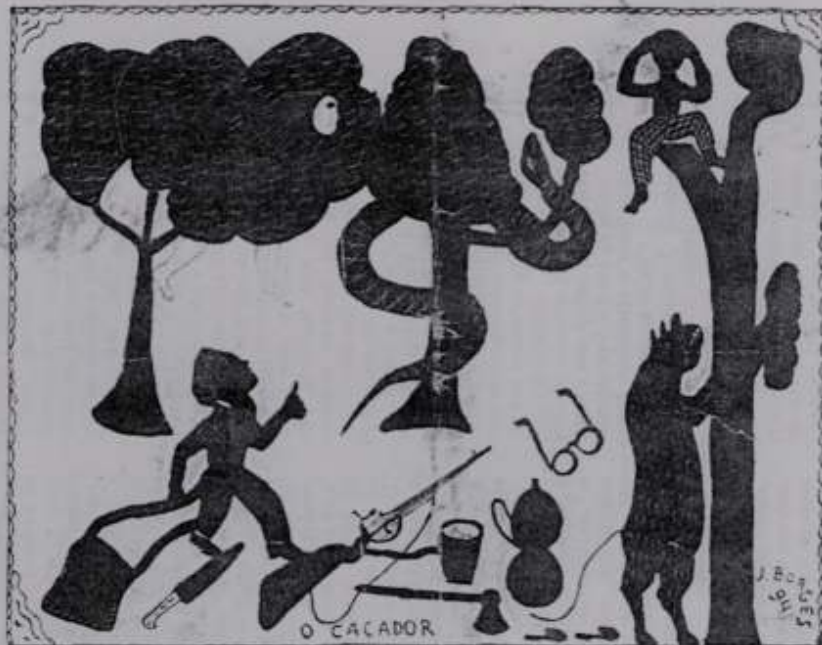
O Cantador de Cordel [94-327]

A lithograph drawn by the artist and printed in black from stone on soft white Somerset, 26 by 20 7/8 inches, in an edition of 40 signed and numbered impressions. Collaborating printer, Sacha S.P. Wellborn.



A Floresta [94-326]

A lithograph drawn by the artist and printed in black from stone on white Rives Heavyweight, 19 by 24 inches, in an edition of 40 signed and numbered impressions. Collaborating printer, Nebojsa Lazic.



Caçador [94-331]

A lithograph drawn by the artist and printed in black from stone on white Rives Heavyweight, 15 by 19 inches, in an edition of 20 signed and numbered impressions. Collaborating printer, Bill Lagattuta.

1 ENCONTRO DA ASTUR

EM BEZERROS/PE

Dias 08 e 09 de julho de 1999



COMO VIVE BEZERROS

J. BORGES

« O menino do Sítio Piroca »

XILOGRAFO "J. BORGES"

Fui solicitado pela direção do "Jornal Regional" para escrever uns versos falando na minha querida Bezerros, nos seus 110 anos de emancipação política.

Recordando os idos, de 1940 a 1947, nas tradicionais feiras, que, faziam gosto por, tudo que há no mundo, nela tinha pra vender.

Através deste poema matuto, focalizo aquilo que Bezerros tem e neste estilo me sinto mais Bezerrense.



(J. Borges)

— No meu tempo de criança
Quando no sítio eu vivia
Tecendo minhas cestinhas
E pra Bezerros trazia
Vendia a 500 Réis
Na calçada da padaria

— Pra mim era muito bom
Este tempo já passado
Comprando como hoje em dia
Era um lugar Atrazado
Más todas tradições
Vivem sempre ao meu lado.

— O povo vinha pra feira
Com toda animação
Jogar bilhar em Zé Chico
Tomar vinho em Zé Leão
E esperar o passageiro
Chegando na estação.

— Outros vinham à Loja Nere
Comprar roupa de Alvorada
Fazer a feira em Zé Lúcio
E toda rapazeada
Comprava no "CRIZANTEMO"
Presentes pra namorada

— E quando vinha um doente
Não esquentava o juízo
Doenças grandes ou pequenas
Que lhe davam prejuízo
Ele dizia eu vou logo
Me receitar com Narciso.

— Compravam a "DOTÔ" na feira
Pedras para seu isqueiro
E os que sabiam ler
Corria muito ligeiro
Pra casa de Umbirajara
Pra contar no brigadeiro

— 100 ou 200 pessoas
Na frente do barracão
E João Ferreira de Lima
Lendo e dando explicação
Folhetos falando em guerra
Que abalava a nação

— O feijão vendia a DUDÉ
E pagava a João Macineiro
O enterro do parente
Que morreu em fevereiro
Comprava sal grosso e carne
Açúcar preto e tempoiro

— Assistiam emboladas
Cantadas no meio da feira
Onde vendia bodes
Bem no meio da ladeira
Onde hoje é o açougue
Só era pedra e poeira.

— A tarde voltavam todos
Em seus cavalos montados
Levando pesos, de carne
Os cercá amarrados
E os filhos dos feirantes
Nas garupas escanchados

— E as mulheres dos Sítios
Levavam pote e panela
Tachos de torrar café
UMA ou duas tijelas
E sempre em cada bando
Duas ou três moças belas

— Era este o movimento
Há 40 anos passados
E a metade deste povo
Já estão todos enterrados
Hoje só restam saudades
E todos pontos mudados.